

OS REVISORES DE CATALOGOS

JOACHIM

Edwaldo Zampier Salles

Curso de Matemática — ICEX
Instituto de Ciências Exatas

Do alto do pequeno apartamento da Rua Caetés, regulando uma luneta entre as mãos e os cílios, a mulher idosa olhava atentamente aquele borbulhante tacho que é o centro da cidade.

Bem-humorada e esperta, ela se dizia macaca na copa de uma grande árvore, os ótimos olhos espiando o povo e sapecando de piadinhas os passageiros das ruas, muito embora eles jamais tomassem consciência disso — a distância vertical que os separavam, em espaço, tempo e solidão era considerável — e mesmo se assim não o fosse e eles olhassem para cima, dificilmente distinguiriam aquela única cabecinha branca, encolhida, desabrochando minúscula entre as inúmeras janelas das grandes árvores.

Gozava de sua torre a multidão das ruas com o realístico senso de tragédia das pessoas que viveram muito e que das chicotadas que levaram aprenderam a sentir cosquinhas.

Um ar de abandono no quitinete. Ela sabia que junto com cada sátira à mulher tropeçando no longo, ao fiscal que toma uma dibra do camelô, ao sujeito que passa a mão nas coxas da mocinha, junto com cada anedota que testemunhavam pedaços de sua idade, cenas que já vivera seja acordada, em devaneios ou sonhos.

Dalí já viu polícia espancando popular, já viu operário despençar de andaime, já viu estudante fazendo passeata, trabalhadores em greve, diversos assaltos, doze estupros num lote vago e trinta e dois suicídios, além dos atropelamentos diários e das confusões a todo minuto.

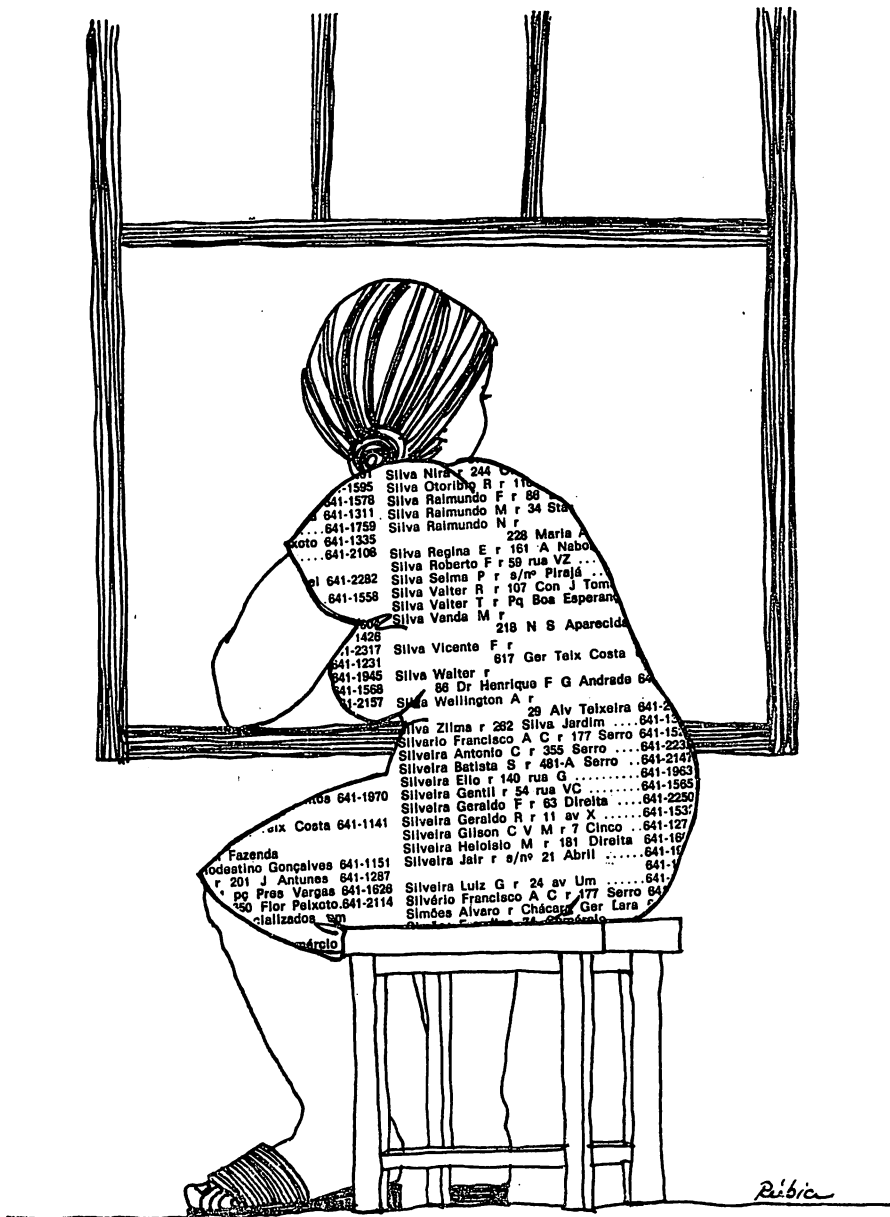
Antes o marido ficava com ela e isso até que era um pouco bom, pois afastava a solidão de apenas dois olhos. Mas nos últimos tempos seu silencioso velho estava se diferenciando interiormente, passara a se longevisar trancado no outro cômodo da morada, seu estúdio, conforme escrevera na porta com caligrafia de artista.

Sem muita pressa, ele, com a vista ruim e pendurado numa lupa, percorria incansável palavra por palavra, linha por linha, página por página dos catálogos telefônicos, memorizando cada número que ia lendo, apesar de nunca ter possuído ou mesmo usado um telefone em toda sua vida. Era dos antigos e não gostava do barulhinho nervoso e estridente deles, confessara certa vez; mas adorava explorar as folhas povoadas de nomes e conhecê-los intimamente, identificar parentes, homônimos, constatar mudanças, conversar com eles e tê-los possivelmente como fortes amizades. Contava sua mulher que ele sabia de cor todos os nomes e números registrados daqueles catálogos, além de ser capaz de contar em detalhes a vida social e as profundezas da alma de cada um dos assinantes.

«Esse tá aqui há mais de vinte anos, dizia, é dos pioneiros. Esse tem três aparelhos e duas extensões. Já esse aqui (chamava-os pelo sobrenome) é recente: seja bem-vindo, meu bom amigo».

Eram variadas pilhas de catálogos consultados sistematicamente, dispostos pelo estúdio em magnífica ordem que faria inveja a qualquer bibliotecário competente. Um arquivo de mestre, poderia aposentar-se de novo.

Freqüentemente escrevia poemas e em vários deles comparava aquelas páginas a uma espécie de floresta tropical, onde as letras seriam árvores, os números bichos e onde ele pretendia se embrenhar um dia, caçar, nadar, bisbilhotar de perto aquelas matas... mas sem a nostalgia irritante que ecoa das



Ribic

civilizações em decadência ou o escapismo campista das classes privilegiadas, fazia questão de frisar.

Sua mulher, professora primária aposentada, não lhe dava por isso muita importância, pois supunha exercer melhor atividade: reconhecer e às vezes corrigir, repreender os passageiros das ruas, desde os que faziam parte do quadro rotineiro até os que freqüentavam de vez em quando e os que circulavam raríssimamente.

Possuía o dom raro da lembrança inesquecível, gravando na cabeça as peculiaridades de cada um de maneira indestrutível.

«Aquela ali já pintou o cabelo três vezes esta semana. O dono da banca só expõe pornografia. O morador daquele prédio anda nu pela casa». Dizia ela enquanto cantarolava baixinho cantigas empoeiradas pela recordação.

Certo dia seu velho sumiu de repente, sem deixar vestígios. O estúdio, como sempre, estava impecável, intato. Só um catálogo aberto sobre a escrivaninha, a lupa jogada de lado como que abandonada às pressas por não ser mais necessária.

Então ela enjoou de olhar para o mundo, descruzou os braços da sacada, fechou definitivamente a janela, trancou-se no estúdio e começou a procurar o nome de seu velho pelas trilhas das florestas.